



O CONHECIMENTO DE JOVENS CARIOCAS SOBRE OS INVESTIMENTOS EM OURO, DÓLAR E BITCOIN E A RELEVÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO E DA EDUCAÇÃO FINANCEIRAS

Lucas Venturini Salles Amaral

Rodrigo Rebelo Vianna

Diego Santos Vieira de Jesus

RESUMO

Com base na discussão teórica sobre educação, alfabetização e conhecimento financeiros, o objetivo do artigo é examinar se e como universitários cariocas de cursos de graduação em Economia, Administração, Engenharia de Produção e Contabilidade percebem o ouro, dólar e bitcoin como possibilidades de investimento. Os dados foram coletados em entrevistas realizadas de fevereiro a junho de 2020. Os resultados apontam que a maior parte dos entrevistados revela conhecimento financeiro que converge com argumentos predominantes na literatura acadêmica acerca da operação com os três ativos. Conclui-se que é preciso haver o estímulo à alfabetização e à educação financeiras, uma vez que o conhecimento financeiro torna-se vital para que o cidadão possa administrar melhor seu dinheiro e saiba aplicá-lo, de forma a fazer frente a adversidades advindas do contexto político-econômico nacional e internacional.

Palavras-chave: Conhecimento financeiro. Educação financeira. Rio de Janeiro. Ouro. Dólar. Bitcoin.

ABSTRACT

Based on the theoretical discussion on financial education, literacy and knowledge, the aim of the article is to examine whether and how university students from Rio de Janeiro's Economics, Management, Production Engineering and Accounting undergraduate courses perceive gold, dollar and bitcoin as investment possibilities. The data were collected in interviews from February to June 2020. The results indicate that most interviewees reveal financial knowledge that converges with predominant arguments in the academic literature about the operation with the three financial assets. It is concluded that there is the need to stimulate financial literacy and education, since financial knowledge becomes vital so that citizens can better manage their money and



know how to invest to face adversities arising from the national and the international political and economic contexts.

Keywords: Financial knowledge. Financial education. Rio de Janeiro. Gold. Dollar. Bitcoin.

Introdução

A educação é um elemento fundamental para a mobilidade social, em particular nos países em que a pobreza atinge níveis alarmantes (FERREIRA; VELOSO, 2006; AWAN et al., 2011; MTEY; SULLE, 2013). Além de contribuir com a expansão do dinamismo científico e a defesa do legado cultural (VENTURELLI, 2000), a educação deve se adaptar a novas tecnologias e tendências a fim de se adequar àquilo que é demandado pela sociedade e requer uma organização capaz de prover os indivíduos do que for necessário ao desenvolvimento intelectual e instrucional (BERTERO, 2009; SANTOS, 2012).

Para Portela (2013), a noção de conhecimento comporta diversidade e pluralidade, o que leva os educadores a compreender que não se pode tratá-lo sob uma única dimensão, mas sob diversas perspectivas, muitas vezes encadeadas. Ao permitir o acesso a tal conhecimento, a educação cumpre ainda uma função substancial no processo de transformação social na contemporaneidade. O processo educacional oferece aos estudantes uma oportunidade de aprimorar o desenvolvimento moral e intelectual, tornando-os capacitados a atuar de modo mais veemente na sociedade, inclusive no mercado (KHALIFA, 2009).

Diante disso, observa-se que um número crescente de jovens mostra-se interessado em ampliar seu conhecimento financeiro. A quantidade de jovens que entraram no mundo de investimentos cresceu de forma considerável no fim da década de 2010. De acordo com o jornal Valor Online (2019), o número de investidores registrados aumentou em 95% entre dezembro de 2018 e outubro de 2019. O crescimento do número de jovens de 16 a 25 anos foi de 341% entre 2018 e 2019. Em 2018, eles saíram de 37,7 mil investidores, o que representava, no fim do ano, 4,77% do total (789,6 mil), para 166,3 mil, ou seja, 10% do total (1,59 milhão) registrado no final



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

de 2019 (LARGHI, 2019). Atualmente, as pessoas podem investir em diversos produtos por corretoras mais tradicionais ou pelas totalmente digitais. Estão à disposição diversos produtos de Renda Fixa, tais como o CDB (Certificado de Depósito Bancário), a LCI (Letra de Crédito Imobiliário) e a LCA (Letra de Crédito do Agronegócio), que geralmente são de baixa rentabilidade, mas possuem um risco baixíssimo. Além dessas aplicações em renda fixa, existem também aplicações em renda variável, como a compra e venda de ações (TAVORMINA, 2019). Neste artigo, destacaremos as aplicações em ouro, dólar e bitcoin.

Diante disso, vê-se a importância da educação financeira, que pode ser entendida como o conhecimento adquirido por meio da educação ou da experiência especificamente relacionadas a conceitos e produtos de finanças pessoais, e da alfabetização financeira, que engloba a educação financeira e a habilidade e a confiança para utilizar eficientemente conhecimentos relacionados a conceitos e produtos relativos às finanças pessoais (HUSTON, 2010).

Com base na discussão teórica em torno de alfabetização, educação e conhecimento financeiro, o objetivo deste artigo é examinar se e como universitários cariocas de cursos de graduação em Economia, Administração, Engenharia de Produção e Contabilidade que tenham conta em algum banco perceberam o ouro, o dólar e a bitcoin como possibilidades de investimento, a partir de dados coletados em entrevistas realizadas de fevereiro a junho de 2020. Vale destacar que não são levados em conta neste artigo somente os investimentos feitos pelos jovens entrevistados no período entre fevereiro a junho de 2020, mas as percepções que esses jovens tinham neste período. São considerados na pesquisa investimentos que tenham sido iniciados em períodos anteriores e potenciais alterações relacionadas a eles no período em que as entrevistas foram realizadas.

Referencial teórico

A expressão “alfabetização financeira” tem sido frequentemente utilizada como sinônimo de “educação financeira” ou de “conhecimento financeiro”. Uma vez que esses construtos são conceitualmente diferentes, usá-los como sinônimos pode gerar



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

problemas, pois a alfabetização financeira vai para além da educação financeira (POTRICH; VIEIRA; KIRCH, 2015). Huston (2010) divide a “alfabetização financeira” em duas dimensões: a dimensão do conhecimento e a dimensão da sua aplicação. Segundo a autora, a “alfabetização financeira” é um conceito que remete a ter o conhecimento financeiro, bem como a habilidade e a confiança para usar eficientemente esses conhecimentos relacionados a conceitos e produtos nas finanças pessoais. Já o “conhecimento financeiro” remete àquele adquirido por meio da educação ou experiência, especificamente relacionado aos conceitos e produtos das finanças pessoais. Na visão da OCDE (2013), a “educação financeira” é um processo pelo qual os indivíduos melhoram sua compreensão sobre conceitos e produtos financeiros.

O “conhecimento financeiro” relaciona-se, em grande parte, à área de finanças comportamentais, que abarca os aspectos psicológicos levados em consideração no processo de avaliação e de precificação dos ativos financeiros. Esse campo tem como objetivo aperfeiçoar o modelo do comportamento humano em relação à tomada de decisão no que diz respeito a esses ativos. Sendo assim, considera-se que os seres humanos estão expostos a fatores que vão para além da racionalidade e muitas vezes afetam as suas decisões econômicas baseadas em outras emoções (LUCENA et al., 2011). A vertente da psicologia cognitiva defende que, no processo decisório, os seres humanos agem sob condições de racionalidade limitada, ou seja, não conseguem avaliar todas as opções disponíveis, pois não têm conhecimento total sobre o assunto. Com isso, acabam utilizando caminhos cognitivos chamados de “heurísticas”, definidas como atalhos mentais utilizados para a solução de um determinado problema ou também como métodos que refletem o conhecimento humano, culminando em uma solução adequada (MACEDO JR., 2003).

A partir dessas definições, Tversky e Kahneman (1974) argumentam que investidores em condições de incerteza tendem a tomar decisões a partir da utilização de princípios heurísticos, ou seja, a se basear em experiências já vividas ou presenciadas anteriormente. Assim, a utilização desses atalhos mentais pode gerar erros sistemáticos, o que torna essa utilização um processo altamente subjetivo, o qual pode culminar em delusões cognitivas. Segundo os autores, a heurística da disponibilidade relaciona-se à forma com que as pessoas avaliam a frequência de classe ou à probabilidade de um



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

evento, pela facilidade com a qual os casos são trazidos à mente. Já a da representatividade é a influência predominante do estereótipo e das descrições na tomada de decisões, a ponto de se desconsiderarem probabilidades prévias (TVERSKY; KAHNEMAN, 1974).

A tomada de decisões quanto ao investimento em ouro, dólar e bitcoin varia, de acordo com Ulrich (2014), no que diz respeito à durabilidade, à divisibilidade, à maleabilidade, à homogeneidade, à oferta e à dependência de terceiros fiduciários. Em termos de durabilidade, a barra de ouro está sujeita ao desgaste natural, assim como o papel-moeda (dólar), mas a bitcoin não sofre desgaste por ser digital. Em divisibilidade, existe um limite físico de um átomo para a divisão do ouro em partes cada vez menores. No caso do papel-moeda e da bitcoin, dividir o valor do bem não necessita da divisão em menores partes, mas apenas de uma nova convenção de unidade. Em maleabilidade, mede-se a facilidade de transportar o ativo, que é simples em ouro e papel-moeda e perfeito na bitcoin por não ser um ativo físico. Em homogeneidade, todos as bitcoins são matematicamente iguais, o papel-moeda é muito similar, e o ouro pode ter concentrações distintas; por isso, tem menos homogeneidade. Em oferta, a bitcoin é controlada pela matemática computacional já definida em seu código; o ouro, pela natureza; e o papel-moeda é integralmente controlado por forças humanas, e, portanto, não tem limite definido. Em dependência de terceiros, a bitcoin pode ser transacionada de forma *peer to peer*, sem necessidade de intermediários, enquanto o ouro e o papel-moeda precisam de intermediários para validar sua autenticidade e ser transportados fisicamente (ULRICH, 2014).

Nesta pesquisa, pressupõe-se que os entrevistados podem aproximar-se ou não do que a literatura acadêmica concebe como um conhecimento financeiro fundamental para se operar com estes ativos, independentemente do perfil do investidor. A nossa proposta não é estabelecer uma mensuração quantitativa do quanto esses sujeitos de pesquisa se aproximam ou se afastam de um nível ideal de conhecimento financeiro, mas definir o que a literatura coloca como fundamental, consensual ou predominante sobre esse conhecimento financeiro em relação aos três produtos considerados na pesquisa e, a partir daí, verificar os pontos de contato entre as informações presentes nas respostas dadas pelos entrevistados e os conhecimentos estabelecidos como



fundamentais, consensuais ou predominantes pela literatura em questão acerca do comportamento e do investimento nesses três ativos.

Quanto ao ouro, predomina na literatura o conhecimento de que ele é um porto seguro para o mercado de ações nos EUA e que, quando o mercado está subindo, o ouro não se comporta como porto seguro. Além disso, o ouro não tem como característica sua estabilidade de preço (BAUR; LUCEY, 2010; KLEIN, THU, WALTER, 2018). Em relação ao dólar, prepondera na literatura a ideia de que ele pode ser usado como porto seguro ou *hedge* (estratégia de proteção para os riscos de um investimento, que neutraliza a posição comprada ou vendida para que seu preço não varie) em relação à bolsa de valores no Brasil, em prazos maiores que 20 dias. Mesmo nas épocas em que os EUA estavam passando por instabilidades, como ocorreu na crise econômico-financeira de 2008, o dólar se comportou como um porto seguro (SENDACZ, 2014). No que diz respeito à bitcoin, Dyhrberg (2015) e Katsiampa (2017) argumentam que ela tem um comportamento intermediário entre uma moeda e uma *commodity*. Ela tem algumas características de *hedge* que a aproximam do ouro e reage simetricamente às notícias positivas e negativas, além de também reagir às mudanças da taxa de juros básica da econômica estadunidense, e as características do seu meio de troca serem muito bem definidas. Esses pontos sugerem que indivíduos que gerenciam portfólios ou analisam mercados podem conseguir uma visão mais detalhada do mercado incluindo a bitcoin como opção, possibilitando a eles realizar uma tomada de decisão mais informada e ganhar mais um instrumento de *hedge*. Urquhart (2016) sustenta que o mercado de bitcoin tornar-se-á mais eficiente ao longo do tempo, conforme a negociação e a análise aumentem sobre a moeda. Nesse sentido, o conhecimento financeiro predominante na literatura acadêmica aponta que a bitcoin deva ser considerada em portfólios e análises econômicas e que, quanto maior for o uso da bitcoin, maior será seu valor no mercado.

Considerações metodológicas

A pesquisa exploratória desenvolvida neste artigo tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, a fim de torná-lo mais claro, além de



desenvolver e esclarecer ideias, com o objetivo de oferecer uma primeira aproximação a um determinado fenômeno pouco explorado (GONÇALVES, 2003). Além disso, a abordagem escolhida foi a qualitativa, que, segundo Minayo (2006, p. 22-23), “é capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas, tanto no seu advento quanto nas suas transformações, como construções humanas significativas”. Com essa abordagem, é possível descobrir processos sociais ainda pouco explorados, referentes a grupos particulares. Ademais, proporciona a criação de novas abordagens, categorias e conceitos durante a investigação.

Quanto aos meios, realizamos uma pesquisa bibliográfica visando ao mapeamento da literatura específica sobre o comportamento dos investidores e os investimentos em ouro, dólar e a bitcoin para termos um maior aprofundamento do tema, buscando informações e conceitos necessários à análise das respostas dos entrevistados. Além disso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, que, segundo Manzini (1990/1991), favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade. Ademais, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre, e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Entrevistamos 16 universitários cariocas (14 do gênero masculino, 2 do feminino), de 20 a 29 anos, com diferentes rendas familiares, que variam a partir de 2 mil reais por mês e acima de 10 mil, de cursos de graduação em Economia, Administração, Engenharia de Produção e Contabilidade, divididos entre universidades públicas (UFRJ, UERJ e UFF) e privadas (PUC-Rio, ESPM-Rio, IBMEC e Estácio) do Rio de Janeiro, no início ou no final do curso de graduação. Algumas entrevistas foram realizadas por telefone por conta das medidas de distanciamento social exigidas no contexto da pandemia de COVID-19. O Quadro 1 aponta o perfil demográfico dos entrevistados.

Quadro 1 – Perfil dos entrevistados

Entrevistado	Faixa Etária	Curso	Universidade	Período	Renda familiar (em reais)	Tipo da entrevista
--------------	--------------	-------	--------------	---------	---------------------------	--------------------



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

e-ISSN 2675-410X

E1	22 anos	Administração	ESPM	7º	acima de 10 mil	Presencial
E2	24 anos	Administração	UFF	10º	acima de 10 mil	Telefone
E3	20 anos	Administração	PUC	1º	acima de 10 mil	Presencial
E4	20 anos	Eng. de Produção	PUC	5º	acima de 10 mil	Telefone
E5	20 anos	Administração	IBMEC	5º	acima de 10 mil	Telefone
E6	25 anos	Administração	UFF	10º	acima de 10 mil	Telefone
E7	29 anos	Economia	ESTÁCIO	6º	entre 2 e 10 mil	Telefone
E8	24 anos	Administração	UFF	6º	acima de 10 mil	Telefone
E9	23 anos	Eng. de Produção	PUC	10º	acima de 10 mil	Telefone
E10	22 anos	Economia	UFRJ	9º	entre 2 e 10 mil	Telefone
E11	25 anos	Eng. de Produção	UFRJ	9º	acima de 10 mil	Telefone
E12	22 anos	Economia	UERJ	8º	acima de 10 mil	Telefone
E13	25 anos	Contabilidade	UFRJ	7º	entre 2 e 10 mil	Telefone
E14	21 anos	Economia	PUC	5º	acima de 10 mil	Telefone
E15	24 anos	Eng. de Produção	UFF	6º	acima de 10 mil	Telefone
E16	23 anos	Administração	ESPM	7º	acima de 10 mil	Telefone

Fonte: Os autores, 2020

A interpretação dos dados foi realizada por meio de uma análise de conteúdo qualitativa, que, segundo Bardin (2011), refere-se a um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens. Ao optarmos por uma análise de conteúdo qualitativa, os dados coletados nas entrevistas realizadas durante a pesquisa serão sistematizados em três categorias:

Categoria 1 (“Ouro”): essa categoria refere-se às percepções dos entrevistados sobre os benefícios, os malefícios, os riscos e as oportunidades do possível investimento em ouro no período em foco na pesquisa.

Categoria 2 (“Dólar”): nesta categoria, serão inclusas as percepções dos benefícios, dos malefícios, dos riscos e das oportunidades do possível investimento em dólar no universo temporal da pesquisa.



Categoria 3 (“Bitcoin”): aqui serão reunidas as percepções dos jovens universitários sobre a bitcoin, levando-se em conta os seus benefícios, os malefícios, os riscos e as oportunidades desse investimento.

Resultados

Ouro

Nas entrevistas realizadas, o entrevistado E12 afirma que o ouro se valoriza em época de instabilidade econômica: “É usado bastante para proteção de carteira. Dificilmente na crise vai desvalorizar. É uma boa alternativa em momento de crise”, E1 confirma o ponto de vista de E12, na medida em que também afirma que “[o] ouro é um ativo que performa muito bem em períodos de instabilidade econômica”. E11 citou que “[p]rovavelmente o ouro cresce quando a economia está mal”. E13 aponta que “[t]alvez em momentos de crise o investimento em ouro cresça, é uma boa alternativa para deixar o seu dinheiro em um lugar seguro e estável”. Verificamos que E1, E2, E3, E5, E6, E7, E8, E9, E10, E11, E12, E13 e E14 afirmaram que o ouro se valoriza em épocas de instabilidade econômica, e, portanto, é uma boa proteção do patrimônio durante as crises.

Já os entrevistados E4, E15 e E16 foram no sentido contrário, afirmando que o ouro se desvaloriza em épocas de crise e se valoriza durante a estabilidade econômica. Para E15, “[s]e a economia estiver indo mal, conseqüentemente o ouro também vai mal”. E1 também acredita que, em épocas de estabilidade econômica, o ouro não é o melhor ativo em termos de retornos se comparado a outras possibilidades, porque, segundo o entrevistado, “[o]utros ativos podem se valorizar mais nesse momento [fora das crises econômicas]”.

O entrevistado E13 corrobora a ideia de E1, citando que, “[j]á quando a economia está indo bem, acredito que permaneça em um nível estável, sem cair muito mas também com baixas valorizações”. Os entrevistados E1, E2, E6, E8, E9, E10, E13 e E14 concordam que o ouro não é a melhor possibilidade de investimento em épocas de estabilidade econômica. Os entrevistados E3, E4, E11, E13 e E14 citaram a estabilidade



do preço como uma característica do ativo. E11 aponta: “Eu não sei exatamente, mas eu diria que é estável perante a economia”. E5 e E10 citaram o baixo risco envolvido no investimento em ouro. Já E16 citou que o ouro possui alto rendimento no longo prazo.

Os entrevistados E2 e E7 citaram o fato de o ouro ser um ativo físico real como algo positivo. E2 também apontou que o fato de o ouro ser aceito pela maioria dos Bancos Centrais é outra característica positiva do ativo que ajuda a garantir liquidez. E12 apontou que, no Brasil, para quantias menores, a liquidez do ativo não é tão alta e que existem custos de custódia e corretagem que dificultam o acesso. Segundo E12, “[a] liquidez não é tão boa no mercado brasileiro se comparado a ativos de empresa ou índices. É caro ter o ouro custodiado, e a corretagem é cara”. O entrevistado E16 citou que o ouro é algo inacessível para a maioria das pessoas e que nunca o tinha considerado como investimento: “É uma coisa muito inacessível à minha realidade”.

Dólar

Os entrevistados E3, E5, E7, E8, E9 e E16 concordam que o dólar protege seu capital em crises no Brasil. Já E6 e E12 também acreditam nisso, mas entendem que, em alguns casos, isso pode não ser verdade. E12 cita que “[o] dólar serve como hedge de carteira. Tem uma correlação da bolsa com o dólar que é normalmente inversa. Obviamente em algumas situações eles caminharam da mesma forma, não é uma regra”. E1 cita que o dólar não protege seu capital quando os EUA estão passando por instabilidades: “Você tem uma correlação negativa com a bolsa brasileira. Depende da economia brasileira e da americana. Se a economia americana entrar em recessão antes da brasileira, o dólar vai voltar a cair”.

Por outro lado, o entrevistado E2 afirma que o dólar não necessariamente projete seu capital durante crises no Brasil:

Eu acho que isso já foi muita verdade no passado, pois você tinha uma correlação entre a bolsa e o dólar, então quando a bolsa subia o dólar caía, quando o dólar caía a bolsa subia. Hoje em dia, pelo menos na minha visão, isso mudou, hoje em dia bolsa para cima, dólar para cima, então o que a gente tem visto desde 2016 no país, e isso é devido a paridade de juros entre Brasil e os EUA, que antes a gente tinha um juros de mais de 14%, onde atraía um capital especulativo absurdo para



o país e hoje com o juro a 4%, a paridade ficou muito menor, entre Brasil e os EUA.

E2 também afirma que a moeda tende a se valorizar no longo prazo, pois os EUA praticam juros menores que outros países. Entretanto, mesmo se valorizando mais que outras moedas, não necessariamente vai se valorizar mais que outros tipos de investimento.

Os entrevistados E4, E5 e E8 acreditam que o dólar tende a se manter valorizado, pois os EUA são a maior potência do mundo. E4 afirma que “(...) os EUA são a maior potência do mundo, então a tendência é que o dólar sempre seja muito valorizado, ainda mais agora que estamos no meio de uma crise do coronavírus, e a nossa moeda está desvalorizando em relação ao dólar.” Além disso, E2, E10 e E11 citaram a alta liquidez do dólar.

Os entrevistados E3, E10 e E14 citaram o dólar como um investimento seguro e confiável; por outro lado, E15 citou que é um investimento de alto risco. Os entrevistados E3 e E15 acreditam que a moeda tem um preço estável, o que pode ser evidenciado pela fala de E15: “Um benefício é que é uma moeda muito estável por ser dos EUA”. Por outro lado, E12 e E13 citaram que existe volatilidade, e ela é negativa. Já E11 mencionou a volatilidade, mas não descreveu como algo negativo, mas apenas momentâneo: “Atualmente, a volatilidade dele está muito alta, então não acho um bom investimento agora”.

Sobre os fatores que impactam a moeda, os entrevistados E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E13 e E15 citaram a influência dos fatores internos dos EUA. E13 afirma que, “[c]omo [o dólar] é regido pela economia americana, caso a economia dos EUA colapse, você perde muito dinheiro”. Os entrevistados E2, E12, E13 e E14 citaram também o impacto da economia global. E2 afirma que “[...] outro fator são os balanços de pagamentos do país como um todo, mas o que manda no dólar mesmo é o poder de compra. Se os países emergentes começarem a ter menos inflação que os EUA, a tendência é ele desvalorizar”. E12 completa que “[t]anto eventos mundiais quanto eventos em cada país acabam impactando na transação do dólar”. Para E10, “[a] balança comercial americana, as outras moedas internacionais, movimentos políticos e todo tipo de investimento lastreado em dólar, petróleo por exemplo. Então quando você tem uma



maior movimentação de petróleo, você vai ter uma maior demanda do dólar, então acaba que pode ser considerável uma variável.” Apenas E10 acredita que os ciclos econômicos impactam o preço do dólar.

Bitcoin

Todos os entrevistados citaram que a bitcoin possui uma alta volatilidade. Vale destacar a fala de E10 de que “[o] investimento em bitcoin é algo bem ousado, não investiria uma porcentagem grande do meu patrimônio. A rentabilidade é bem alta, porém é extremamente volátil, não é lastreado em nada. É um ativo extremamente especulativo”. Os entrevistados E11, E12 e E16 citam a possibilidade de altos ganhos com a moeda a partir da alta volatilidade. E12 afirma que “[v]ocê pode ter uma valorização rápida, isso aconteceu lá no início”. E11 cita a volatilidade como algo positivo: “A volatilidade eu acho um benefício, pois aumenta a oportunidade de investimentos no curto prazo”.

Os entrevistados E1, E3 E5, E8, E9, E10, E11, E13, E14, E15 e E16 concordam que a bitcoin é um investimento sério e que não deve ser desconsiderado. E1 comenta que “[a bitcoin] pode ser considerada um investimento sério”. E16 comenta que “[é] um investimento como outro qualquer, existem seus riscos. (..) Se torna um investimento sério, porque ela [a pessoa que investe] pode tirar retorno dela [da bitcoin]”.

Por outro lado, os entrevistados E2, E6, E7, E4 e E12 não consideraram a bitcoin como uma possibilidade de investimento. E12 citou que “não é um investimento que eu faria no longo prazo, por não ter uma tendência definida, por não ter um fundamento”. E2 afirma que vê a bitcoin “como um investimento muito especulativo, fazendo uma comparação com investimento em ação de uma empresa. A empresa gera caixa e valor para o acionista, a bitcoin não gera valor nenhum. Ela é só uma moeda especulativa que eu não considero nem como um investimento.” Já os entrevistados E7, E8 e E10 classificam a falta de lastro algo negativo.

Os entrevistados E1, E3, E4, E5 e E14 acreditam que o preço da bitcoin está relacionado ao seu uso: quando maior for o uso da moeda, maior será seu valor. E1 citou: “Se as criptomoedas de fato forem aceitas em meios convencionais, o preço delas



pode explodir, ou pode ser só mais uma bolha”. E3, E4 e E5 afirmam que a bitcoin será mais usada no futuro, e, por isso, seu valor tende a aumentar. Já E13 afirma, por outro lado, que a moeda será mais usada, e o seu preço deve diminuir.

Eu acho que a lógica seria se as coisas evoluírem da bitcoin se tornar uma moeda cada vez mais comum e aos poucos substituindo a moeda comum, tomando o lugar do que a gente entende hoje por dinheiro, eu acho que o preço da bitcoin cairia, começaria ser algo mais comum para gente, mais regulado, mais controlado.

Na visão de E3, a bitcoin é uma moeda mais segura que as moedas fiduciárias, porque, segundo o entrevistado, “[é] uma moeda que não é rastreável, então você facilmente pode se aproveitar disso. Não tem um governo que controla a bitcoin, então é um pouco mais confiável que as outras moedas”. A fala de E3 segue a mesma linha de raciocínio apontada por E15, que justifica o seu posicionamento da seguinte forma: “(...) é que, por ser uma moeda virtual, é bem mais segura e se compra tudo pela internet, então também facilita a utilização da moeda.” A segurança em relação à bitcoin é reiterada por E13, que afirma que

O benefício, já li um pouco sobre isso, então eu acho que tem a ver também com a criação das criptomoedas, tem a questão da anonimidade, tem uma visão que era até utópica, da criptomoeda substituir o dinheiro normal, podendo ser usada de várias maneira benéficas, que impediriam até a corrupção e desvio de dinheiro, você pode programar uma verba para ser destinada somente para um setor público, além disso é bem seguro, porque teoricamente é muito difícil de ser roubado.

Pode-se então observar que E3 e E15 afirmam que a bitcoin é mais segura que as moedas fiduciárias por não ser controlada por um governo. Tal ponto é reiterado por E13, que afirma a segurança da bitcoin. E11 citou a crença na valorização da moeda no longo prazo: “Eu acho que a bitcoin vai crescer bastante, acho que ainda vai ter um ‘boom’, aí vai cair um pouco depois de um tempo, depois vai voltar, não vejo o preço dela caindo no longo prazo”. Assim como E3 e E15, o entrevistado E11 afirmou que a moeda é mais estável perante crises do que as outras: “Eu acho que a bitcoin é a moeda mais estável em relação à economia global, apesar de agora nesse momento isso esteja



um pouco errado, por conta do coronavírus. Mas acredito ser muito mais estável a crises menores, porque essa crise agora foi de importância muito grande”.

Discussão e análise

Como apontam Tversky e Kahneman (1974), a heurística da disponibilidade está relacionada à forma com que as pessoas avaliam a frequência de classe ou a probabilidade de um evento, pela facilidade com os quais os casos são trazidos à mente, enquanto a da representatividade é a influência predominante do estereótipo e das descrições na tomada de decisões, a ponto de se desconsiderarem probabilidades prévias. Confrontando os argumentos dos autores com os dados coletados nas entrevistas, pode-se observar que alguns entrevistados buscaram responder a algumas questões com argumentos mais generalistas e não fundamentados em uma teoria que estudaram ou tinham conhecimento, mas no que já ouviram falar de outras pessoas, o que reforça que o ser humano utiliza a racionalidade limitada para assuntos de incerteza.

O ouro foi o ativo no qual encontramos mais respostas generalistas. Um dos entrevistados utilizou-se da heurística da representatividade e chegou a citar que o ouro era algo inacessível para a maioria das pessoas e que nunca tinha o considerado como investimento. Isso demonstra um desconhecimento teórico, e a afirmativa foi embasada na percepção de um estereótipo utilizado pelo entrevistado.

Ademais, ao analisarmos as respostas das entrevistas em relação à bitcoin, podemos observar que foram feitas muitas especulações sobre o futuro da moeda, o que mostra, mais uma vez, que muitos mobilizaram a heurística da disponibilidade. Alguns entrevistados afirmaram que a moeda será mais utilizada e o seu preço poderá diminuir pois será mais popular no futuro.

Os resultados apontam que todos os entrevistados citaram de forma espontânea que a moeda possui uma alta volatilidade. Para alguns, essa volatilidade é algo positivo e gera oportunidades de investimento. É possível concluir que a percepção dos jovens em relação à bitcoin é muito dividida. Uns acreditam que a moeda não é uma possibilidade de investimento, pois acham que é algo muito incerto e arriscado;



entretanto, outros apontam que a bitcoin é um investimento real, pois acreditam em sua valorização no futuro e veem a volatilidade como algo positivo.

As falas dos entrevistados E1, E2, E3, E5, E6, E7, E8, E9, E10, E11, E12, E13 e E14, que afirmaram que o ouro se valoriza em épocas de instabilidade econômica, e portanto pode ser utilizado como proteção do patrimônio durante as crises, aproxima-os de um conhecimento financeiro tido pela literatura como fundamental para operar com esse ativo na adoção de uma posição acerca da tomada de decisão para a realização desse investimento.

Por outro lado, as falas de E4, E15 e E16, que afirmaram que o ouro se desvaloriza em épocas de crise e se valoriza durante a estabilidade econômica vão no sentido oposto do consenso da literatura sobre o ativo. As falas dos entrevistados E3, E4, E11, E13 e E14, que citaram a estabilidade do preço como uma característica do ativo, não está presente na literatura. O consenso sobre a atuação do ouro como porto seguro para ações dos EUA sugere que o ativo não poderia ter a estabilidade citada pelos entrevistados, pois, de acordo com a literatura, o ouro tem correlação negativa com os índices acionários dos EUA quando esses apresentam queda de valor.

Por mais que tenham citado a volatilidade como característica da moeda, E3, E11 e E15, falaram que a bitcoin é estável em períodos de crise. Como visto na literatura, a volatilidade da bitcoin é expressivamente maior que a de outros ativos mais tradicionais, como ouro, índices acionários e moedas fiduciárias, e também foi apontada como possibilidade de proteção de carteira. Portanto, o ponto de vista dos entrevistados distancia-os do conhecimento financeiro tido pela literatura como fundamental para operar com esse ativo na adoção de uma posição acerca da tomada de decisão para a realização desse investimento.

Os entrevistados E1, E3 E5, E8, E9, E10, E11, E13, E14, E15 e E16 citaram que a bitcoin é um investimento sério e que não deve ser desconsiderado, o que está de acordo com o conhecimento financeiro predominante na literatura acadêmica. Portanto, o ponto de vista dos entrevistados os aproxima do conhecimento tido pela literatura como fundamental para operar com esse ativo na adoção de uma posição acerca da tomada de decisão para a realização desse investimento.



Por outro lado, os entrevistados E2, E6, E7, E4 e E12 citaram que não acham que a bitcoin possa ser considerada um investimento. Por mais que existam autores que defendam esse ponto, essa não é a opinião preponderante na literatura acadêmica, que constitui o cerne do conhecimento financeiro sobre o ativo. Portanto, o ponto de vista dos entrevistados distancia-os do conhecimento tido pela literatura como fundamental para operar com esse ativo na adoção de uma posição acerca da tomada de decisão para a realização desse investimento.

As falas dos entrevistados E1, E3, E4, E5 e E14 revelam a crença de que o preço da bitcoin está relacionado ao seu uso: quanto maior for o uso da moeda, maior será seu valor. Esse ponto de vista está alinhado ao pensamento preponderante encontrado na literatura sobre o tema. Portanto, o ponto de vista dos entrevistados aproxima-os do conhecimento tido pela literatura como fundamental para operar com esse ativo na adoção de uma posição acerca da tomada de decisão para a realização desse investimento.

Por outro lado, E13 e E15 percebem que a moeda será mais usada e o seu preço deve diminuir, pensamento oposto ao preponderante no marco teórico. Portanto, o ponto de vista desses entrevistados distancia-os do conhecimento tido pela literatura como fundamental para operar com esse ativo na adoção de uma posição acerca da tomada de decisão para a realização desse investimento.

Os entrevistados E3, E5, E7, E8, E9 e E16 defenderam que o dólar protege seu capital em crises no Brasil. Esse pensamento está alinhado com a literatura analisada. Portanto, o ponto de vista dos entrevistados aproxima-os do conhecimento tido pela literatura como fundamental para operar com esse ativo na adoção de uma posição acerca da tomada de decisão para a realização desse investimento.

Nos pontos apresentados sobre o ouro, destacamos a sua opção como proteção de patrimônio, e conseguimos observar que todos os alunos do curso de Economia, de universidades públicas e privadas, afirmaram que o ouro tende a valorizar em épocas de crise. Além disso, é possível afirmar que 90% dos alunos após o sexto período constataram que o ouro se valoriza em épocas de crise, o que indica que, dentre esses sujeitos de pesquisa, os alunos veteranos parecem ter um conhecimento financeiro que apresenta mais pontos de contato com a literatura acadêmica sobre esse ativo.



Quanto ao dólar, 83% dos entrevistados de universidades privadas afirmaram que ele protege o capital em tempos de crise, o que pode ser indicativo de que os estudantes dessas instituições, dentre os sujeitos de pesquisa considerados, tendem a ter uma maior exposição a informações relacionadas ao dólar do que os de universidades públicas. Além disso, existe um grande número dos alunos do curso de Administração que afirmaram que o dólar protege seu capital em tempos de crise, o que pode apontar que esses jovens possuem um maior alinhamento de seu conhecimento financeiro com os argumentos predominantes na literatura acadêmica sobre o assunto.

Já quanto à bitcoin, apenas os estudantes de universidades privadas de até 23 anos no conjunto de sujeitos de pesquisa selecionados defenderam que o preço da bitcoin está relacionado ao seu uso. Essa opinião também foi defendida de forma predominante na literatura acadêmica sobre o ativo. Por outro lado, apenas alunos de universidades públicas de mais de 24 anos afirmaram que, com o maior uso da bitcoin, seu preço iria se reduzir, opinião oposta à preponderante na literatura sobre o tema. Esses dados podem indicar uma maior tendência de pessoas mais jovens de universidades privadas a se interessarem pelo conhecimento sobre bitcoin, o que apenas poderá ser comprovado por pesquisas futuras, que lidem com amostras maiores.

Ainda sobre a bitcoin, 60% dos que defenderam que ela não é um “investimento sério” têm acima de 24 anos, enquanto 78% dos entrevistados de até 23 anos afirmaram que a bitcoin é um investimento que deve ser considerado. O pensamento preponderante na literatura analisada afirma que a bitcoin deve ser considerada; portanto, esses dados são mais um indício de que pessoas mais jovens podem ter mais propensão a se interessar pelo conhecimento disponível sobre bitcoin, o que só poderá ser confirmado por pesquisas quantitativas futuras.

Quanto à visão de cada curso sobre o debate em torno da bitcoin como um investimento, 71% dos estudantes de Administração defendem a bitcoin como investimento, como também o fazem 75% dos estudantes de Engenharia de produção e 50% dos estudantes de Economia. A explicação para o fato de que os estudantes de Economia tenham demonstrado maior reticência na afirmação sobre a validade da bitcoin para investimentos pode estar atrelada à forma com que esse ativo é tratado no



curso de Economia; porém, essa tendência só poderá ser confirmada em estudos futuros sobre o tema.

Considerações finais

A pesquisa evidencia que o conhecimento financeiro torna-se vital para que o cidadão possa administrar melhor seu dinheiro e saiba aplicá-lo, de forma a fazer frente a adversidades advindas do contexto político-econômico nacional e internacional. Uma oportunidade que surge em meio à necessidade da alfabetização financeira para o jovem é a criação de um negócio social que proponha planos de ação para a melhoria dessa alfabetização pelos estudantes. Outra possibilidade é a disponibilização, pelo sistema bancário, de cursos online visando à alfabetização financeira, a fim de atrair mais clientes e criar uma sociedade mais informada. A adição de disciplinas às grades curriculares relativas à alfabetização e à educação financeiras nas instituições públicas e privadas seria fundamental para que os estudantes possam receber o conhecimento necessário para gerir e aplicar o seu dinheiro.

Referências:

AWAN, M.; MALIK, N.; SARWAR, H.; WAQAS, M. **Impact of education on poverty reduction**. Department of Economics. University of Sargodha, Paquistão, 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUR, D.; LUCEY, B. Is Gold a Hedge or a Safe Haven? An Analysis of Stocks, Bonds and Gold. **The Financial Review**, n. 45, p. 217–229, 2010.

BERTERO, C.O. Agência Nacional de Educação. **Revista GVExecutivo**, v.8, n.1, 2009, p.66-71.



DYHRBERG, A.H. **Bitcoin, Gold and the Dollar – a GARCH Volatility Analysis**. Dublin: University College Dublin, 2015.

FERREIRA, S.; VELOSO, F. Intergenerational Mobility of Wages in Brazil. **Brazilian Review of Econometrics**, v. 26, n. 2, p. 181-211, 2006.

GONÇALVES, A. Qualidade de vida: observatórios, experiências e metodologias. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, n. 2, p. 688-689, 2003.

HUSTON, S.J. Measuring Financial Literacy. **The Journal of Consumer Affairs**, v. 44, n. 2, p. 296-316, 2010.

KATSIAMPA, P. **Volatility estimation for Bitcoin: A comparison of GARCH models**. Sheffield: Sheffield Hallam University, 2017.

KHALIFA, A. Student-as-aspirant: Strategic Implications for Business Education. **European Business Review**, v. 21, n. 2, p.172-190, 2009.

KLEIN, T.; THU, H. P.; WALTHER, T. **Bitcoin is not the New Gold – A Comparison of Volatility, Correlation, and Portfolio Performance**. Faculty of Business and Economics, Technische Universität Dresden, 2018.

LARGHI, N. Jovens de 16 a 25 anos já passam de 10% na bolsa; veja quem são eles. **Valor Investe**, 2019. Disponível em <https://valorinveste.globo.com/mercados/renda-variavel/bolsas-e-indices/noticia/2019/12/06/jovens-de-16-a-25-anos-ja-passam-de-10percent-nabolsa-veja-quem-sao-eles.ghtml> . Acesso em 23 mar. 2019.

LUCENA, W.G.L. et al. Finanças Comportamentais: Fatores Que Influenciam Os Consumidores Na Hora Da Compra. **Revista Estudos do CEPE**, n. 33, p. 93-126, jan./jun. 2011.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 9 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MTEY, K.; SULLE, A. The role of education in poverty reduction in Tanzania. **Global Advanced Research Journal of Educational Research and Review**, v. 2, n. 1, p. 6-14, 2013.

OCDE. **Financial literacy and inclusion: Results of OECD/INFE survey across countries and by gender**. Paris: OCDE, 2013.

PORTELA, Yeda M. A. Os Parâmetros Curriculares Nacionais no cenário das Políticas Públicas Educacionais Brasileiras. **Ciência Atual**, v.1, n.1, p.42-53, 2013.

POTRICH, A. C. G.; VIEIRA, K. M.; KIRCH, G. Determinantes da Alfabetização Financeira: Análise da Influência de Variáveis Socioeconômicas e Demográficas. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 26, n. 69, p. 362-377, 2015.

SANTOS, Magda. A abordagem das políticas públicas educacionais para além da relação Estado e Sociedade. **Anais do IX ANPEDSUL**, Caxias do Sul, 29 jul.-1 ago.2012, p.1-15.

SENDACZ, G.T. **Utilização do dólar americano como hedge e/ou porto seguro para a bolsa brasileira**. São Paulo: Instituto de Ensino e Pesquisa, 2014.

TAVORMINA, Luca. Investimentos financeiros: o que são e como se classificam. **Eu Quero Investir**, 2019. Disponível em <https://www.euqueroinvestir.com/investimentos-financeiros-o-que-sao-e-como-se-classificam/>. Acesso em 30 maio 2020.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

TVERSKY, A.; KAHNEMAN, D. Judgment under Uncertainty: Heuristics and Biases. *Science*, v. 185, n. 4157, p. 1124-1131, 1974.

ULRICH, F. **Bitcoin** - a moeda na era digital. São Paulo: Instituto Ludwig Von Mises Brasil, 2014.

URQUHART, A. **The Inefficiency of Bitcoin**. Southampton: Southampton Business School, 2016.

VENTURELLI, S. **From the Information Economy to the Creative Economy: Moving Culture to the Center of International Public Policy**. Washington, D.C.: Center for Arts and Culture, 2000.

Recebido: 7/7/2020. Aceito: 20/7/2020.

Autores:

Lucas Venturini Salles Amaral

Bacharel em Administração de Empresas pela Escola Superior de Propaganda e Marketing do Rio de Janeiro (ESPM-Rio)

E-mail: lucasvnsalles@gmail.com

Rodrigo Rebelo Vianna

Bacharel em Administração de Empresas pela Escola Superior de Propaganda e Marketing do Rio de Janeiro (ESPM-Rio)

E-mail: rodrigorebelovianna@gmail.com

Diego Santos Vieira de Jesus

Doutor em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e docente e pesquisador do Programa de Mestrado Profissional em Gestão da Economia Criativa (MPGEC) da Escola Superior de Propaganda e Marketing do Rio de Janeiro (ESPM-Rio). Também é professor dos cursos de Graduação em Administração de Empresas e Publicidade e Propaganda da mesma instituição.

E-mail: dvieira@espm.br